



REPRESENTAÇÕES DA AGRICULTURA NOS CURSOS DE AGRONOMIA: UM CAMPO DE DISPUTAS

Cleber José Bosetti¹

Heloisa Maria de Oliveira²

Zilma Isabel Peixer³

Resumo: o objetivo deste artigo foi analisar como ocorre o processo de identificação dos estudantes de Agronomia com os modelos de agricultura, a partir da tipificação agricultura produtivista e agroecologia. A metodologia do trabalho envolveu a aplicação de um questionário estruturado em universidades públicas e privadas/comunitárias no estado de Santa Catarina e a análise de documentos que refletem as concepções curriculares das instituições em relação aos modelos de agricultura. Na primeira, aplicamos a análise estatística por associação de variáveis com a utilização do software 'R'; na segunda, fizemos a análise de conteúdo dos documentos. Com isso, identificamos que a representação dos modelos de agricultura por parte dos estudantes de Agronomia é resultado do *habitus* construído em suas trajetórias sociais e da configuração do campo acadêmico.

Palavras-chave: campo acadêmico, *habitus*, Agronomia, agricultura.

Agriculture representations in agronomy courses: a field of disputes

Abstract: *the objective of this article was to analyze how occurs the process of identifying the students of agronomy with the models of agriculture, from the typification of productivist agriculture and agroecology. The methodology of the work involved the application of a questionnaire structured in public and private / community universities in the State of Santa Catarina and the analysis of documents that reflect the curricular conceptions of the institutions in relation to the models of agriculture. In the first we applied the statistical analysis by association of variables with the use of software 'R'; in the second we performed the content analysis of the documents. With this, we identified that the representation of agricultural models by agronomy students is the result of the habitus built in their social trajectories and the configuration of the academic field.*

Keywords: *academic field, habitus, agronomy, agriculture.*

1 Departamento de Ciências Naturais e Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)- Curitibaanos – Brasil - Cleber. bosetti@ufsc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3117-8998>.

2 Centro de Ciências Rurais - CCR - Departamento de Ciências Naturais e Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Campus Curitibaanos - SC – Brasil - heloisa.m.oliveira@ufsc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5130-7585>.

3 Centro de Ciências Rurais - CCR - Departamento de Ciências Naturais e Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Campus Curitibaanos - SC-Brasil - zilma.isabel@ufsc.br . ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2548-9415>.

Representaciones de la agricultura en cursos de agronomía: un campo de disputas

Resumen: el objetivo de este artículo fue analizar cómo se da el proceso de identificación de los estudiantes de agronomía con los modelos de agricultura, a partir de la tipificación de la agricultura productivista y la agroecología. La metodología del trabajo implicó la aplicación de un cuestionario estructurado en universidades públicas y privadas / comunitarias del Estado de Santa Catarina y el análisis de documentos que reflejan las concepciones curriculares de las instituciones en relación a los modelos agrícolas. En el primero, aplicamos el análisis estadístico asociando variables con el uso del software “R”; en el segundo, analizamos el contenido de los documentos. Así, identificamos que la representación de modelos agrícolas por estudiantes de agronomía es el resultado del *habitus* construido en sus trayectorias sociales y la configuración del campo académico.

Palabras clave: campo académico, *habitus*, agronomía, agricultura.

INTRODUÇÃO

O agro é tech, o agro é pop, o agro é tudo! O fundamento dessa representação social é uma mobilização agenciada para estimar o papel econômico da agricultura na atualidade. Essa narrativa forja a edificação da imagem de um rural homogêneo, cultivado sob a plataforma da eficiência e alimentado simbolicamente pela lógica produtivista. Entretanto, por outros canais de observação da realidade, é possível visualizar outras ruralidades e formas de se fazer agricultura, que se fizermos uma analogia com o lema do “agro é pop”, poderíamos chamar de *underground*. Ambas as imagens são representações de um mundo social, constituído por elementos agronômicos, econômicos, científicos e políticos que reverberam suas posições e disposições no campo acadêmico.

Assim, o objetivo deste artigo é explicar como se dá a representação social do rural nos estudantes dos cursos de Agronomia a partir do referencial de dois modelos típicos ideais: a agricultura produtivista e a agroecologia. Para realizar esse estudo, utilizamos as seguintes estratégias metodológicas: a aplicação de um questionário estruturado com a participação de 143 estudantes dos cursos de Agronomia em 07 universidades no estado de Santa Catarina (04 cursos de universidades públicas e 03 universidades privadas/comunitárias); a análise estatística por meio das tabelas de contingência para verificar a associação de variáveis em estudo; a comparação da matriz curricular dos cursos das diferentes instituições de ensino e a análise de conteúdo do perfil dos cursos e dos egressos das universidades estudadas.

Campo acadêmico: agência, estrutura e representações

Sabe-se que conforme os agentes sociais passam a fazer parte de um determinado espaço social, eles assumem uma interação com as regras, os valores e os princípios que regulamentam tal espaço. Os resultados podem não ser previsíveis, porém, não são totalmente imprevisíveis. A força das operações sociais, que transcorrem em função das relações sociais e dos efeitos simbólicos associados, produz processos constantes de reconstrução social das percepções e das projeções dos agentes sociais. A inserção dos estudantes no campo acadêmico é uma expressão desse tipo de operação de (re) construção dos princípios norteadores da ação social.

A primeira questão a ser considerada sobre o campo acadêmico é sua definição. Este é um campo científico, isto é, um universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem e difundem ações e práticas de um mundo social específico que contém suas próprias regras (BOURDIEU, 1997). O campo acadêmico distingue-se dos demais por ser um espaço fundamentalmente orientado pela racionalidade científica, ou seja, os princípios norteadores das ações e relações sociais são tipicamente movidos pelo que se pode chamar de espírito científico.

Porém, essa dimensão por si só não é suficiente para explicar as ações e representações sociais que são construídas dentro desse espaço. Isso porque os campos da vida social se entrelaçam em uma costura complexa de interações, responsáveis pela constituição da visão de mundo dos sujeitos. No caso do campo acadêmico é preciso considerar a indissociabilidade entre ciência e política, pois tais divisões, atribuídas à modernidade, são ilusórias (LATOURET, 1994; 2014). Isso significa romper com o imaginário e as práticas de oposição consagradas no imaginário social, afinal, tal oposição foi uma construção histórica que não corresponde à realidade em si.

Ao inserir-se no campo científico e às suas regras típicas, os agentes sociais estão tanto suscetíveis às suas disposições como, a partir de seus *habitus*, podem produzir ações ajustadas conforme a posição ocupada (BOURDIEU, 2004). Antes de entrar em determinado campo, os agentes sociais já carregam consigo determinados *habitus* que podem ser traduzidos como os saberes, os valores e as visões de mundo herdadas das suas experiências anteriores. Esses elementos funcionam como predisposições que serão reproduzidas ou transformadas, conforme as interações criadas no novo espaço em que estão adentrando.

À medida que passam a fazer parte do campo científico, os agentes sociais aderem a uma estrutura a qual podem responder por meio da reflexividade (GIDDENS, 1991; 2009), isto é, um reexame das disposições anteriores à luz das novas informações e da necessidade de adequações motivadas pelo contexto em que se encontram. No exercício da reflexividade, os sujeitos elaboram projetos e definem estratégias com base nos recursos que possuem e nas circunstâncias em que estão inseridos (CAETANO, 2011). Entretanto, é preciso lembrar que a relação agência/estrutura também implica na interiorização da exterioridade (BOURDIEU, 2004), quer dizer, na incorporação das estruturas por meio do *habitus* pelos indivíduos. Com isso, é fundamental considerar a trajetória dos agentes sociais e suas aspirações, a partir do confronto entre as disposições trazidas e as adquiridas no âmbito acadêmico.

Dessa forma, o campo acadêmico também precisa ser compreendido como um espaço de disputas. Por constituir-se como um espaço social, está permeado por aproximações e distanciamentos, pelo dimensionamento da quantidade de capitais e por compatibilidades e incompatibilidades que podem reforçar as afinidades ou promover afastamentos. Isso porque os agentes sociais não são autômatos regulados como relógios segundo leis que lhes escapam, mas investem os princípios incorporados de um *habitus* gerador (BOURDIEU, 2004). Neste sentido, as experiências construídas nas trajetórias dos agentes sociais possibilitam a estes atuarem com uma relativa margem de manobra, ao mesmo tempo em que estão regidos pelas imposições e expectativas do novo campo em que adentraram.

É fato que o campo acadêmico é um espaço de disputas por posições que garantem a aquisição do capital simbólico e, por conseguinte, da própria conservação das posições dentro desse ambiente. Assim, configuram-se as relações de autoridade e de dependência que são construídas com base nas posições, disposições e estratégias entre os padrões e clientes, bem como das tensões do mercado e seu ambiente de concorrência (BOURDIEU, 2011). Essas manifestações são perceptíveis, por exemplo, na configuração dos Projetos Pedagógicos Curriculares-PPC, nas Matrizes Curriculares, no delineamento das linhas de pesquisa, na vinculação dos estudantes a elas, na perspectiva de projeção das carreiras acadêmicas e profissionais, nos temas de pesquisa com maior representatividade simbólica e investimento financeiro, entre outras. As implicações de tudo isso ajudam a explicar as adesões a determinadas perspectivas teóricas, científicas e políticas dentro do campo acadêmico.

No caso das Ciências Agrárias, uma das disputas correntes no campo acadêmico, refere-se aos modelos de agricultura e, por conseguinte, de desenvolvimento rural que lhes são imanentes. Do ponto de vista metodológico, pode-se tipificar esses modelos em uma dualidade: a agricultura produtivista e a agroecologia. Esses dois termos são tomados como tipos ideais, isto é, como construções heurísticas utilizadas para analisar a realidade social com o intuito de compreendê-la (WEBER, 1979). Tem-se a compreensão de que esta tipificação não abarca a complexidade das concepções e práticas agrícolas presentes na realidade rural, mas permite uma aproximação capaz de apreendê-la em alguma medida.

A configuração produtivista da agricultura foi sendo construída de forma concomitante ao desenvolvimento histórico da sociedade capitalista. À medida que essa forma social de produção se desenvolveu, especialmente pela divisão do trabalho campo/cidade e pela industrialização, a agricultura adquiriu um sentido de produção eminentemente mercantil (MAZOYER; ROUDART, 2010). No caso da agricultura brasileira, esse processo teve início ainda no período colonial, em que a maior parte da produção agrícola era voltada para a exportação, e foi impulsionado com a chamada “modernização conservadora” e a vinculação da agricultura aos complexos agroindustriais, a partir da década de 1960 (GRAZIANO SILVA, 1981; MARTINE, 1990). Esse conjunto de fatores faz da agricultura produtivista um campo econômico, científico e político que estabelece relações predominantemente utilitárias em relação à natureza.

No período subsequente, as políticas macroeconômicas do Estado brasileiro impulsionaram o que se convencionou chamar na atualidade de agronegócio (DELGADO, 2010; 2012; LEITE; WESZ JUNIOR, 2014) que, do ponto de vista estritamente econômico, representa a complexa interação entre os setores agrícolas, industriais, mercantis e financeiros na condução dos negócios relacionados às atividades agrossilvopastoris. Nessa perspectiva, a agricultura brasileira tem se mostrado altamente competitiva em termos de Valor Bruto e Valor Agregado da produção, bem como das divisas econômicas geradas (NAVARRO; PEDROSO, 2011; GASQUEZ; BASTOS; BACCHI, 2011), embora tudo isso tenha sido construído com forte aporte estatal.

Com isso, a agricultura produtivista passou a ter forte representatividade simbólica, dentro do campo acadêmico constituindo seu *mainstream* por assim dizer. Essa representação simbólica se expande para imaginário social por meio de investimentos midiáticos que apresentam o agronegócio como eficiente, sustentável e moderno (SANTOS; OLIVEIRA; GUALBERTO, 2019) Nesse sentido, edifica-se no imaginário coletivo uma totalidade social, isto é, uma visão de mundo exclusivista da realidade escamoteia a complexidade da agricultura e do próprio espaço rural.

Por sua vez, a agroecologia pode ser considerada como um campo científico que se desdobra em um conjunto de práxis agrícolas e sociais e que congrega em seus referenciais uma pluralidade de saberes (ALTIERI, 1989; GLIESMANN, 2001). Sendo assim, considera-se que a agroecologia é uma combinação de ideias ambientais, agronômicas e sociais de uma agricultura preocupada não apenas com a produção, mas com a sustentabilidade social e ambiental dos chamados agroecossistemas.

A agroecologia possui uma dimensão integral, na qual as variáveis sociais ocupam um papel relevante para a construção de um modelo de agricultura menos dependente e com maior sustentabilidade (GUZMÁN, 2001). As proposições agroecológicas emergiram em um contexto de questionamentos do modelo produtivista e suas bases epistemológicas (JACOB, 2016) e, neste sentido, fizeram da agroecologia um campo político, especialmente em função dos embates que envolvem a agricultura e as perspectivas de desenvolvimento rural (BOSETTI, 2013). Devido aos impactos ambientais causados pela agricultura moderna produtivista, o campo agroecológico apresenta outros referenciais agronômicos, econômicos, sociais, políticos e de relação com a natureza.

No campo acadêmico, a perspectiva produtivista e a perspectiva agroecológica transformam-se em subcampos, ou seja, passam a fazer parte de um espaço social composto por diferentes narrativas, por atores sociais que as representam e por disputas pelos bens simbólicos mais valiosos, dentro desse espaço social.

À medida que os agentes sociais passam a fazer parte do campo, estabelecem interações com suas dimensões estruturantes. Essas interações carregam elementos do passado e das trajetórias sociais (*habitus*), relacionam-se com as estruturas constituintes do campo (BOURDIEU, 1997; 2004), bem como, colocam a prova as habilidades sociais dos atores em gerar cooperação nos demais participantes (FLIGSTEIN, 2007). Dessa forma, pode-se dizer que a representação social dos estudantes é resultante das dinâmicas das suas interações com as referidas estruturas somadas às suas habilidades sociais para fazer adesões e rupturas dentro do campo.

Ao analisar o perfil do grupo que compôs a amostra da presente pesquisa, identificou-se uma categoria social predominante: a juventude. Essa categoria é constituída por uma relação complexa entre a idade biológica e a idade social, isto é, entre a atribuição de valor e hierarquização que a segunda impõe, a partir e sobre a primeira (BOURDIEU, 1978). Isso significa que a configuração da definição de juventude depende de uma série de variáveis como a profissão, a classe social, as diferentes regiões ou países etc. Um aspecto interessante de se observar na categoria juventude são as aspirações sociais construídas por esse segmento.

Diante de uma sociedade cada vez mais tecnificada e escolarizada, as definições das aspirações e projetos de vida de parcelas significativas da juventude passam pelo campo acadêmico (WHITE, 2015; AMICHI, 2015; BOUZIDI, 2015). O conceito de aspiração é usado para analisar o conteúdo quantitativo e qualitativo das metas estabelecidas pelos agentes sociais (SPIELHOFER; GOLDEN; EVANS, 2011). Portanto, entender as disposições do campo acadêmico interfere decisivamente no processo de construção dessas aspirações por parte dos estudantes.

Dessa forma, estabelecer relações entre aspectos da trajetória social dos estudantes dos cursos de graduação em Agronomia com a configuração do campo acadêmico, no que se refere às perspectivas de agricultura, é uma forma de compreender como se constrói o perfil dos futuros profissionais da área agrônômica.

Metodologia

A metodologia aplicada nesse trabalho foi elaborada a partir de uma combinação de métodos de análise sociológica e estatística. A amostra foi composta por 7 (sete) universidades, sendo 4 (quatro) de universidades públicas (IPBs) e 3 (três) de universidades privadas/comunitárias (IPRs), das quais participaram 143 estudantes dos cursos de Agronomia. Os critérios para definição do grupo focal foram os seguintes: estudantes em fases finais dos cursos e cursando a disciplina de extensão rural. Portanto, estudantes que já tiveram certa vivência considerável no referido curso.

O questionário estruturado foi constituído por 12 (doze) questões fechadas e 1 (uma) questão aberta e aplicado junto aos estudantes. As análises das questões fechadas foram desenvolvidas por meio das tabelas de contingência, com o objetivo de verificar se a perspectiva de agricultura (produtivista/agroecológica) possui alguma associação com as variáveis instituição de ensino (IPB/IPR), trajetória social dos estudantes (filho de agricultor ou não) e sexo. As informações obtidas foram submetidas ao Teste de Fisher, o qual possibilitou mensurar a significância estatística das variáveis testadas (AGRESTTI, 2007).

A questão aberta presente no questionário foi a seguinte: “O que é o rural para você?” As respostas descritivas dos estudantes foram submetidas à análise *Text Mining*, isto é, ao processo de obtenção de informações textuais, a partir do uso de um programa de contagem de palavras (STAUD JUNIOR, 2016). O recurso para fazer tal análise foi o *Word Clouds*, o qual destaca as palavras-chave que representam as principais ideias contidas em um texto. Ambas as questões foram analisadas com utilização do Programa R.

Além do questionário mencionado, foram analisados os seguintes documentos: Projeto Pedagógico Curricular- PPC- dos cursos e a apresentação dos cursos nas plataformas digitais das universidades. Esses documentos foram analisados com o auxílio do *Word Clouds*, bem como pelo método qualitativo de análise de conteúdo que permite identificar as relações dos atores com as normas sociais (ALAMI, et all, 2010) e a análise de discurso, isto é, da associação entre as condições sociais de produção e reprodução dos discursos proferidos pelos agentes sociais (LECOURT, 2008). Ambas as análises qualitativas foram feitas com a aproximação semântica do conteúdo presente nos documentos analisados em relação à agricultura produtivista e a agroecologia.

Agroecologia e agricultura produtivista na percepção dos estudantes de Agronomia

Neste tópico serão apresentados os resultados da pesquisa. Um dos seus objetivos foi identificar quais foram os fatores que motivaram os estudantes a escolherem o curso de graduação em Agronomia. Para isso foram colocadas as seguintes opções: identificação com a agricultura produtivista; identificação com a agroecologia; perspectiva de acesso ao mercado de trabalho; possibilidade de sair de casa para estudar; fazer um curso de graduação porque ele é oferecido próximo ao local de residência.

Quadro 1: Porcentagem de estudantes para a opção de escolha de curso por instituição de ensino

Universidade	Opção de escolha				
	Agroecologia	Mercado de trabalho	Agricultura produtivista	Próximo à casa	Sair de casa
IPBs	17 (22,97%)	14 (18,92%)	28 (37,84%)	6 (8,11%)	9 (12,16%)
IPRs	20 (28,99%)	11 (15,94%)	30 (43,48%)	6 (8,70%)	2 (2,90%)

Fonte: Autores.

Pelo que se observa no Quadro 1, a agricultura produtivista foi a opção de maior motivação no momento de escolha do curso, tanto nas IPBs quanto nas IPRs. A segunda motivação de maior relevância foi a agroecologia, com 22,97% nas IPBs e 28,99% nas IPRs. Diante desse fato, buscamos associar outras variáveis que ajudassem a explicar tal manifestação.

A fim de encontrar variáveis para compreender a motivação inicial dos estudantes em relação à escolha do curso, buscou-se avaliar a variável sexo. Isso porque os cursos de Agronomia, tradicionalmente, apresentam uma distribuição bastante desigual no que tange a esse aspecto. Quanto à distribuição por sexo nas instituições pesquisadas, obtiveram-se os seguintes resultados conforme ilustra o Quadro 2:

Quadro 2: Porcentagem dos estudantes por sexo nas instituições de ensino

Universidade	Sexo		
	Feminino	Masculino	Total
IPBs	32 (22,38%)	42 (29,37%)	74 (51,75%)
IPRs	13 (09,09%)	56 (39,16%)	69 (48,25%)
Total	45 (31,47%)	98 (68,53%)	143 (100%)

Fonte: autores.

Podemos visualizar pelo Quadro 2 que o predomínio de homens em relação às mulheres ocorre em ambos os grupos de instituições, porém, a diferença é ainda mais expressiva nas IPRs.

Outro aspecto considerado na escolha do curso foi a trajetória social dos estudantes. Esse aspecto foi delimitado aqui com o seguinte critério: ser filho de agricultor ou não. Conforme visto anteriormente, o espaço social em que os indivíduos vivem é um espaço formador dos seus *habitus*, ou seja, dos referenciais de mundo que são utilizados por eles para orientar suas escolhas. Portanto, o fato de os estudantes serem ou não filhos de agricultores poderia apresentar alguma significância, enquanto variável explicativa, cujas informações são apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3: Porcentagem de filhos de agricultor por grupo de instituição de ensino

Universidade	Filho de agricultor		
	Sim	Não	Total
IPBs	32 (22,38%)	42 (29,37%)	74 (51,75%)
IPRs	49 (34,27%)	20 (13,99%)	69 (48,25%)
Total	81 (56,64%)	62 (43,36%)	143 (100%)

Fonte: autores.

Uma possível explicação para essa disposição parece ser a configuração geográfica das instituições, pois as que apresentaram números mais expressivos estão localizadas no Oeste do estado, região fortemente caracterizada pela presença da agricultura familiar. A análise individualizada em cada instituição de ensino também apontou que, dentre os filhos de agricultores, a maioria é oriunda da Agricultura Familiar, aqui identificada com base nos parâmetros da Lei nº 11.326, que considera área da propriedade, uso da mão de obra, gerência e renda da atividade agrária.

O que foi observado nos Quadros 1, 2 e 3 apresenta um indicativo de que o perfil dos estudantes é caracterizado pelo predomínio de homens em relação às mulheres, pelo número expressivo de filhos de agricultores e por uma maior expectativa de que o curso estivesse voltado para a agricultura produtivista. Em seguida, verificou-se a possibilidade de que esses aspectos pudessem estar associados com outra pergunta do questionário que dizia o seguinte: “Após realizar parte do percurso formativo, com qual modelo de agricultura você se identifica”?

Quadro 4: Porcentagem do modelo de agricultura por grupo de instituição de ensino

Universidade	Modelo de agricultura		
	Agroecológica	Produtivista	Total
IPBs	34 (23,78%)	40 (27,97%)	74 (51,75%)
IPRs	7 (4,90%)	62 (43,36%)	69 (48,25%)
Total	41 (28,67%)	102 (71,33%)	143 (100%)

Fonte: Autores

Conforme mostra o Quadro 4, percebemos que as IPBs apresentaram 23,78% dos estudantes que se identificam com a agroecologia como modelo de agricultura, enquanto que nas IPRs esse número foi de apenas 4,90%. Embora em ambas predomine a agricultura produtivista, é possível mensurar que há uma associação estatística significativa entre a variável instituição de ensino com o modelo de agricultura (valor-p <5%).

Além disso, pode-se afirmar que a variável instituição de ensino influencia na maior identificação dos estudantes com a agricultura produtivista do que com a agroecologia. Isso ocorre especialmente nas IPRs, nas quais o percentual de identificação com a agroecologia como item de opção de escolha de curso era de 28,99% e, após realizar parte do percurso formativo, foi de 4,90%. Dessa forma, infer-se que a dinâmica do campo acadêmico é um fator que influencia no processo de construção das representações sociais do rural, nos estudantes dos cursos de graduação em Agronomia.

Em contrapartida, ao fazer a associação entre a variável sexo com os modelos de agricultura, identificou-se que não há uma significância estatística relevante (valor-p >5%), conforme Quadro 5:

Quadro 5: Porcentagem de entrevistados por sexo e modelo de agricultura

Sexo	Modelo de agricultura		
	Agroecologia	Agricultura produtivista	Total
Feminino	18 (12,59%)	28 (19,58%)	46 (32,17%)
Masculino	23 (16,08%)	74 (51,75%)	97 (67,83%)
Total	41 (28,67%)	102 (71,33%)	143 (100%)

Fonte: Autores.

Isso significa que a maior identificação dos estudantes com a agricultura produtivista não é determinada pela variável sexo, tampouco existe uma associação significativa entre o sexo feminino e a agroecologia.

Por sua vez, de acordo com o quadro 6, a variável trajetória social (filho de agricultor) apresentou uma associação estatística significativa, indicando valor-p<5%.

Quadro 6: Porcentagem de filho de agricultor com o modelo de agricultura

Filho de agricultor	Modelo de agricultura		
	Agroecologia	Agricultura produtivista	Total
Não	26 (18,18%)	37 (25,87%)	63 (44,06%)
Sim	15 (10,49%)	65 (45,45%)	80 (55,94%)
Total	41 (28,67%)	102 (71,33%)	143 (100%)

Fonte: Autores.

Com isso, pode-se afirmar que há uma maior identificação dos estudantes que são filhos de agricultores com o modelo produtivista. Sabe-se que o tamanho da amostragem não permite fazer uma inferência genérica, porém, ela indica um caminho para se investigar tal associação.

A fim de reforçar essas informações, analisou-se uma questão dissertativa que apresentava a seguinte indagação: “O que é o rural para você?” As respostas dissertativas foram analisadas por meio do *Word Clouds* do Programa R, conforme a Figura 1.

Figura 1: Descrição do que é o Rural de acordo com as instituições de ensino



(a) IPBs

(b) IPRs

Fonte: Autores.

Conforme a Figura 1, as descrições sobre o rural nas diferentes instituições são semelhantes. O rural está associado à produção de alimentos, à vida e às pessoas (elementos característicos da perspectiva agroecológica); e, também, como espaço da produção de alimentos, base da economia, da agricultura (expressões típicas da agricultura produtivista).

Como se vê, o gráfico de nuvens não apontou diferenças significativas entre os tipos de instituição e o imaginário dos estudantes, acerca das funcionalidades do rural. Os termos em destaque são 'local da agricultura' e 'produção de alimentos', o que representa ambos os modelos por seu caráter genérico. O que se observa são algumas expressões sutis que permitem identificar pequenas diferenças: nas IPBs o termo 'vida' (referencial agroecológico) aparece em destaque e nas IPRs aparecem expressões como 'base da economia' e 'produtividade' (referencial produtivista) possui maior expressão.

Estrutura curricular e o campo acadêmico

Uma questão que chamou a atenção no tópico anterior foi o fato de que houve uma significativa mudança de estima em relação à agroecologia entre o momento de ingresso na universidade e após a realização do percurso formativo, especialmente nas IPRs. Nisso, infere-se a importância da configuração do campo acadêmico na construção dos referenciais dos estudantes com destaque para três aspectos: a Matriz Curricular (MC); o Projeto Pedagógico Curricular (PPC) e a apresentação/divulgação dos cursos nas plataformas das instituições de ensino.

Uma explicação para a maior representatividade de identificação com a agroecologia nas universidades públicas (IPBs) parece estar na composição da MC. Para isso, analisou-se como as temáticas da agroecologia são abordadas nas diferentes instituições. A análise da MC dos cursos mostrou que em duas IPRs a disciplina é optativa, enquanto que nas demais instituições essa disciplina é obrigatória. Isso pode ser interpretado de duas maneiras: o contexto de criação dos cursos e o grau de importância que o campo acadêmico atribui à tal área do conhecimento.

Para ampliar o escopo do estudo, fez-se uma analogia por aproximação semântica das disciplinas ministradas nos cursos, ou seja, a comparação das disciplinas cujos nomes/ementas se aproximam da abordagem agroecológica. O critério de análise foi a identificação de disciplinas e suas respectivas horas trabalhadas em cada instituição, conforme apresenta o Quadro 7.

Quadro 7: Disciplinas com abordagem humanística e agroecológica

Universidade	Codificação	Horas
IPBs	1	450
	2	288
	3	520
	4	216
IPRs	1	320
	2	160
	3	120

Fonte: autores

Destaca-se no Quadro 7 o fato de que as três instituições que apresentaram maior carga horária possuem, em suas matrizes curriculares, a disciplina de Estágio de Vivência, na qual os estudantes passam um período junto às famílias dos agricultores para se inteirar da realidade vivida por eles. A carga horária por si só também não assegura a adesão à determinada perspectiva de agricultura. Um caso exemplar disso é a IPR1, cuja carga horária das disciplinas que se interligam com a agroecologia é significativa, porém, a identificação dos estudantes com o modelo de agricultura não o

é. Em contrapartida, as duas instituições com maior carga horária de disciplinas que contemplam aspectos da agroecologia foram as que manifestaram maior adesão a esta perspectiva de agricultura. Assim, pode-se afirmar que o status da disciplina e o número de horas aula, especialmente quando associados com aspectos do *habitus* dos estudantes, é um fator relevante na construção das representações sociais do rural.

O segundo aspecto do campo acadêmico analisado foi a organização curricular dos cursos presente no PPC. Esse é um elemento norteador das práticas formativas, pois contém aspectos determinantes e constitutivos da sociedade, da cultura, da ciência, da tecnologia, da economia, da política e das leis que regem o horizonte de determinado campo do conhecimento/profissional (JACOB; ALMEIDA JUNIOR; AZEVEDO; SPAVOREK, 2016).

Em se tratando do curso de Agronomia, até a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), em 2006, que institucionalizou um conjunto mínimo de componentes curriculares, tendo em vista a formação de competências e habilidades para um profissional crítico capaz de identificar e resolver problemas, o perfil curricular e institucional dos cursos era, em geral, técnico e alinhado à epistemologia da agricultura empresarial (CAVALLET, 1999; JACOB, 2016). Das universidades que fizeram parte da amostra, algumas já possuíam cursos de Agronomia, antes dessa DCN, e outras os criaram depois. Entretanto, as principais diferenças em termos de incorporação das novas diretrizes, deram-se muito mais em função da natureza da instituição (pública ou privada/comunitária) do que pelo tempo de consolidação dos cursos, como pode ser visto a seguir.

As mudanças trazidas pelas DCNs, em 2006, foram um marco legal importante na direção de uma formação plural para as ciências agrárias. A DCN para o curso de Agronomia estabelece em seu artigo 5º os seguintes requisitos para o perfil profissional:

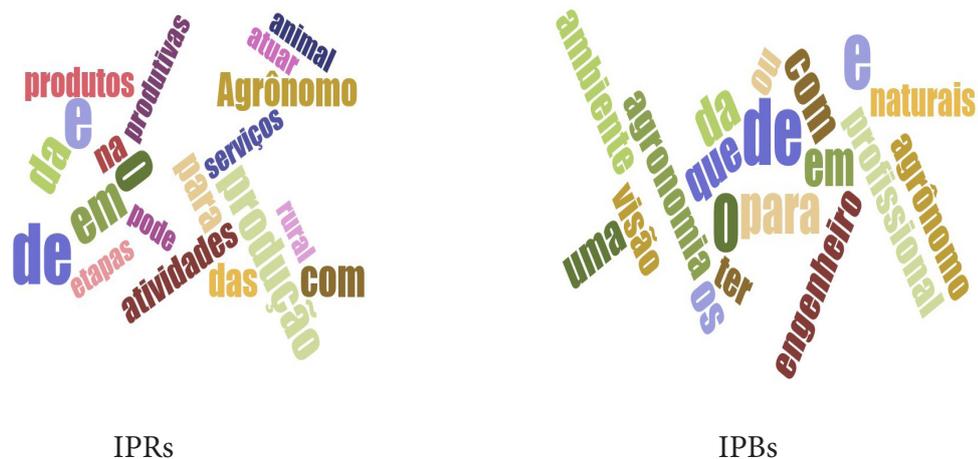
“I- sólida formação científica e geral que os possibilite a absorver e desenvolver tecnologia; II – capacidade crítica e criativa na identificação, tomada de decisão e resolução de problemas, considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade; III – compreensão e tradução das necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidade, com relação aos problemas tecnológicos, socioeconômicos, gerenciais e organizativos, bem como utilização racional dos recursos disponíveis, além de conservação do equilíbrio do ambiente; e IV – capacidade para adaptação flexível, crítica e criativa às novas situações” (BRASIL, 2006).

Em linhas gerais, a exigência é de uma sólida formação científica combinada com visão ética e humanista para atender às diversas demandas sociais existentes no espaço rural brasileiro. Neste sentido, a estrutura curricular infere a construção de um projeto pedagógico que contemple a diversidade de demandas. Porém, o currículo é um território de disputas políticas em que as recomendações legais, por vezes, adquirem um aspecto mais formal do que efetivo.

Os currículos transcendem o conjunto de disciplinas ofertadas pelos cursos e são constituídos por escolhas que refletem a materialização de determinadas visões de mundo (DIAS, 2008; JACOB; ALMEIDA JUNIOR; AZEVEDO; APAROVEK, 2016). No caso dos currículos de Agronomia, eles incorporaram um caráter humanístico e interdisciplinar anteriormente ausente (BRASIL, 2006; JACOB, 2016). Nisso, a agroecologia passou a ter um espaço antes não reconhecido dentro da estrutura curricular. Porém, a incorporação desses pressupostos ocorre de maneira singular em cada instituição.

Com o intuito de compreender a força mobilizadora dos PPCs no campo acadêmico, procurou-se caracterizar alguns aspectos presentes neles, com destaque para o “Perfil dos Egressos” e o “Perfil do Curso”.

O perfil dos egressos é um elemento presente nos PPCs, que pode ser entendido como uma representação da imagem do profissional que se deseja “formar”.

Figura 2: Perfil dos egressos nas IPRs e IPBs

Fonte: Autores.

Conforme mostra a Figura 2, nas IPRs predominam expressões como “agrônomo”, “produção”, “atividades produtivas” e “produtos” e nas IPBs destacam-se expressões como “engenheiro agrônomo”, “profissional”, “ambiente” e “natural”. O que se pode deduzir dessa análise é que, além das palavras que expressam pontos comuns, há no perfil dos egressos das IPBs uma maior aproximação semântica com o referencial da agroecologia em comparação com as IPRs.

A fim de apresentar elementos mais detalhados que consigam expressar as diferenças de concepção em relação à tipificação institucional escolhida, recortou-se alguns extratos da apresentação do “Perfil do Curso” de algumas das instituições analisadas.

O extrato a seguir refere-se ao Perfil do Curso em duas IPBs:

“O curso tem como ênfase a agroecologia, ciência com raízes nos métodos e nas práticas tradicionais de manejo produtivo dos ecossistemas pelas populações camponesas, que se baseiam na valorização dos recursos naturais disponíveis em cada localidade. Seus princípios apontam caminhos que evidenciam uma perspectiva clara de construção de uma concepção de sustentabilidade, abrindo as portas para novas opções de práticas sociais, incluindo o manejo da agricultura, pecuária e organização social. O profissional deverá ter sólido conhecimento técnico-científico no campo da Agronomia, com ênfase na agroecologia, tendo espírito empreendedor, criativo, apto a avaliar, planejar, manejar e monitorar agroecossistemas, junto com os agricultores e seguindo processos ecológicos (IpB4). O curso de Agronomia tem como objetivo formar profissional com sólido conhecimento técnico-científico e responsabilidade so+cial, com capacidade de concepção, a partir de uma visão holística e apto a aplicar princípios e processos ecológicos no desenho e no manejo de agroecossistemas, de forma a torná-los produtivos e ambientalmente sustentáveis (IPB1).”

Há no perfil do curso dessas instituições não somente significantes que sintonizam a perspectiva formativa em relação às DCNs, mas a indicação de adesão para a pluralidade de atuação do Engenheiro Agrônomo. Ao destacar “a ênfase na agroecologia”, “o sólido conhecimento científico associado à responsabilidade social” e “a aptidão para planejar, avaliar e manejar os agroecossistemas”, identifica-se uma aproximação formativa aderente à agroecologia. Isso porque a perspectiva agroecológica compreende a intervenção técnica, a partir da harmonização dos fatores que compõem a complexidade do agroecossistema, tendo em vista o equilíbrio ecológico dos fatores de produção (ALTIERI, 2989; LEFF, 2000).

A seguir, extratos do Perfil do Curso em três IPRs:

“O curso de Agronomia tem como objetivo formar profissionais com uma forte e sólida base técnico-científica para atuar em todas as etapas da produção e gestão das cadeias produtivas de alimentos, serviços e matérias-primas, de modo sustentável, para permitir o contínuo avanço socioeconômico da sociedade (IPR3). O curso prepara o profissional para participar das etapas das cadeias produtivas da agricultura. Pode atuar em organizações regionais e nacionais, ocupação do espaço rural, produção animal ou vegetal, transformação, comercialização e serviços e atividades de planejamento rural. Cuida da ligação entre campo e cidade. No desenvolvimento rural, envolve-se na educação, inovação, pesquisa de mercado, tecnológica, produção de insumos e prestação de serviços (IPR1); O formado pode atuar em multinacionais no ramo de insumos, processadoras de produtos finais, cooperativas, instituições de pesquisa, instituições financeiras, seguradoras, indústrias de máquinas e implementos ou administrar seu próprio negócio. O agrônomo também pode trabalhar no desenvolvimento de novos produtos e na otimização de tecnologias produtivas (IPR2)”

As expressões “participar das cadeias produtivas”, “atuar em organizações multinacionais” são muito significativas na indicação de uma aderência à agricultura produtivista. Importante ressaltar que essa forma de apresentação está em consonância com o imaginário já presente em parte dos estudantes que procuram o curso de Agronomia, conforme vimos no questionário analisado anteriormente. Assim, confirma-se a tendência na formação profissional das ciências agrárias de estar voltada para uma agricultura em grande escala, intensiva em mecanização e insumos químicos (SILVEIRA; BALEM, 2004).

Dessa forma, no que se refere ao campo acadêmico, pode-se afirmar que existem elementos estruturantes que diferenciam, em alguns aspectos, as perspectivas formativas na ciência agrônoma entre as IPBs e as IPRs. Seja pela carga horária das disciplinas, pelas expectativas em relação aos egressos e pela apresentação do perfil do curso, nota-se que a agroecologia possui um sutil ganho de espaço nas IPBs em relação às IPRs. Entretanto, ressalta-se o fato de que as instâncias normativas presentes na estrutura do campo acadêmico constituem um aspecto a ser considerado. Do mesmo modo, o *habitus* e elementos das trajetórias sociais dos estudantes também atuam como estruturas estruturantes para a constituição da configuração do campo acadêmico.

Considerações finais

O estudo das representações a partir da dinâmica do campo acadêmico mostrou que há um conjunto de variáveis atuantes na construção das perspectivas de agricultura por parte dos estudantes dos cursos de Agronomia. A forma como as DCNs são incorporadas por cada instituição, em função do seu contexto institucional, materializa-se em PPCs e MCs diferenciadas. Essa estruturação é uma das características do campo acadêmico, que implica, significativamente, na configuração da percepção e identificação dos futuros profissionais em relação às perspectivas agrônomicas de se fazer agricultura.

Por sua vez, as trajetórias sociais dos estudantes foi um fator fundamental na configuração das representações sobre os modelos de agricultura. Nisso, observou-se uma maior identificação dos estudantes “filhos de agricultores” com o modelo de agricultura produtivista, principalmente quando tal representação é retroalimentada pela estruturação do campo acadêmico em termos de PPCs e MCs. A análise estatística demonstrou que nas universidades privadas/comunitárias os estudantes possuem maior identificação com o modelo produtivista do que nas universidades públicas, enquanto nestas últimas há uma identificação maior com a agroecologia em relação às primeiras.

Diante disso, considera-se que as representações sociais da agricultura no campo acadêmico dão-se pelas relações entre agência e estrutura. Por um lado, o *habitus* configurado em parte da trajetória social dos estudantes funciona como uma estrutura estruturante que define não somente as opções deles, mas influencia a própria configuração dos cursos oferecidos pelas instituições de ensino; por sua vez, as instituições fazem ajustamentos nos currículos e delineiam o perfil de curso e de egresso que corresponde às perspectivas hegemônicas dentro delas. Dessa forma, se o *habitus* trazido pelos estudantes possui importância, a estrutura do campo acadêmico também, portanto, as relações entre agência e estrutura definem as representações sociais no que se refere aos modelos de agricultura a partir de um complexo jogo de disposições e de interesses.

Referências

- AGRESTTI, ALAN. *An introduction to categorical data analysis*. 2a edição, Wiley-Interscience A. John Wiley & Sons, Wiley Series in Probability and Statistics, 2007.
- ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa*. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.
- AMICHI, Hichem et al. Une génération en quête d'opportunités et de reconnaissance: les jeunes ruraux et leurs trajectoires innovantes dans l'agriculture irriguée au Maghreb. *Cahier Agricole*, vol 24, número 06, novembre-décembre, 2015.
- BALSADI, Otávio Valentim; DEL GROSSI, Mauro Eduardo. Trabalho e emprego na agricultura brasileira: um olhar para o período 2004-2014. Brasília: *Revista de Política Agrícola*, ano XXV – n, 4 Out./Nov./Dez. 2016.
- BARBETTA, Pedro Alberto. *Estatística aplicada às ciências sociais*. Florianópolis: UFSC, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *La jeunesse n'est qu'un mot*. Association des ages, Paris, 1978, p.520-530.
- BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *Homo academicus*. Florianópolis: UFSC, 2011.
- BOUZIDI, Zhour et al. Mobiliser des ressources techniques et sociales pour s'installer: strategies des jeunes ruraux au Maroc. *Cahier Agricole*, vol. 24, número 06, novembre-décembre, 2015.
- BRASIL. Resolução Nº 1, de 2 de fevereiro de 2006. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Agronomia e dá outras providências. Brasília: MEC, 2006. Disponível: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces01_06.pdf. Acesso em 2019.
- BRASIL. Lei nº 11.326 de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília, 2006. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm Acesso 2019.
- CAETANO, Ana. Para uma análise sociológica da reflexividade individual. *Sociologia, problemas e práticas*, n.º 66, 2011, pp. 157-174.
- CARNEIRO, Maria José; GAUARANÁ DE CASTRO, Elisa (org). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- CORE TEAM R. (2017) *Language and environment for statistical computing R*. Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria.
- DELGADO, Guilherme Costa. Especialização primária como limite ao desenvolvimento. *Desenvolvimento em Debate*, v.1, n.2, p.111-125, janeiro-abril e maio-agosto 2010.
- DIAS, Marcelo Miná. A formação do agrônomo como agente de promoção do desenvolvimento. *A Revista Extensão Rural, DEAER/CPGExR – CCR – UFMS*, Ano XV, Jan – Jun de 2008.
- FLIGSTEIN, Niel. Habilidade social e a teoria dos campos. *Rev. adm. empres.* 2007, vol.47, n.2, pp.61-80.

GASQUES, José Garcia; BASTOS, Eliana Teles; BACCHI, Mirian. Produtividade e crescimento da agricultura brasileira. *Agronegócios*. Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura – IICA, Brasília, 2011).

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GLIESSMAN, Stephen. *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

GRAZIANO SILVA, José. *Modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

GUZMÁN, Eduardo Sevilla. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia. In: *Agroecol.e Desenv.Rur.Sustent.*, Porto Alegre, v.2, n.1, jan./mar.2001.

JACOB, Luciana Buainain; ALMEIDA JUNIOR, Antônio Ribeiro de; AZEVEDO, Maria Antônia Ramos de; SPAROVEK, Gerd. A agroecologia nos cursos de engenharia agrônômica: para além de desafios e dilemas curriculares. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, SP, v. 21, n. 1, p. 173-198, mar. 2016.

JACOB, Luciana Buainain. *Agroecologia na universidade: entre vozes e silenciamentos*. Curitiba: Appris, 2016.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do antropoceno. *Revista de antropologia*, São Paulo, usp, 2014, v. 57 n° 1.

LEITE, Sergio Pereira; WESZ JUNIOR, Valdemar João. Políticas públicas e agronegócio no Brasil. *Revista Pós Ciências Sociais*, vol.11, nº22, jul/dez. 2014.

MARTINE, George. A trajetória da modernização agrícola: a quem beneficia? Brasília, IPEA, 1990.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. *História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea*. São Paulo: UNESP; Brasília: NEAD, 2010.

NAVARRO, Zander; PEDROSO, Maria Thereza Macedo. *Agricultura Familiar: é preciso mudar para avançar*. Brasília: EMBRAPA, 2011.

STAUDT JUNIOR, Jorge Luiz. Text Mining utilizando o Software R: um estudo de caso de uma biblioteca americana. TCC. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

SILVEIRA, P. R. C; BALEM, T. A. A formação profissional e extensão rural: incapacidade da superação do modelo agrícola. *Anais do VI Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção*. Aracaju, Sergipe, 20 a 22/10/2004.

SANTOS, Z. B. dos.; OLIVEIRA, U. J. de.; GUALBERTO, C. L. O discurso midiático do agronegócio no Brasil sob um olhar da Análise Discursiva Crítica e da Semiótica Social. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 8, n. 1, p. 159-178, jan./abr. 2019.

SPIELHOOFFER, T, GOLDEN, S; EVANS, K. *Young People's Aspirations in Rural Areas*. Slough (UK): NFER, 2011.

WEBER, MAX. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WHITE, Ben. Generational dynamics in agriculture: reflections on rural youth and farming futures. *Cahier agricole*, vol. 24, número 06, novembre-décembre 2015.

Recebido em: 09/05/2019

Aprovado em: 18/05/2021

Como citar este artigo:

BOSETTI, Cleber José e OLIVEIRA, Heloisa Maria de. Representações da agricultura nos cursos de agronomia: Um campo de disputas. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 11, n. 2, maio - agosto 2021, pp. 640-653.